

TRANSFORMAR O FUTURO SEM ESQUECER O PASSADO

Maria de Fátima Marinho

Diretora da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

António Lobo Antunes, quando escreve que «se não fossem os relógios não envelheceríamos nunca» (Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?, p.155), parece dar conta do fascínio que a ideia da permanência e da imutabilidade pode exercer no indivíduo, mesmo se, como muito bem recorda Eça de Queirós, no conto A Perfeição, é o carácter efémero e a certeza da mudança que torna Penélope muito mais interessante do que a deusa, cristalizada numa eternidade tão apaziguadora quanto irritante.

Cinquenta anos volvidos depois do decreto que aprova a sua reabertura, a Faculdade de Letras situa-se no instável equilíbrio entre o aparente desejo de uma continuidade fictícia e a atração do desconhecido que recusa a paragem dos relógios e aposta no dinamismo e na coragem de ousar enfrentar uma realidade diferente, que não pode nem deve ignorar. Sem esquecer os saberes tradicionalmente a ela associados e que a tornaram numa escola de referência, a FLUP, legitimada por décadas de investigação de excelência e de ensino de qualidade, sente-se agora apta para enveredar por outros caminhos, abrindo-se à sociedade civil e investindo na certificação externa das suas competências.

Numa época de descredibilização de áreas aparentemente menos rentáveis, a FLUP soube e saberá afirmar-se, atraindo novos públicos, com a oferta de formações alternativas, voltadas para experiências em contextos reais de trabalho, aliadas a formações estruturantes da capacidade de pensar e refletir, indispensáveis para o acesso a lugares de chefia, mesmo se em universos supostamente mais afastados da sua tradicional esfera de influência.

A intervenção no tecido empresarial, na educação e/ou no meio artístico (seja ele o das artes plásticas, o da literatura ou o das artes performativas) deverá ser um objetivo prioritário. Domínios tão importantes como os das ciências da informação e da comunicação, da sociologia, da geografia e planeamento do território, da história, filosofia, arqueologia, história da arte, literatura, cultura ou linguística não podem temer um futuro hipoteticamente hostil. A cultura do lucro imediato só será realmente eficaz se assentar na cultura do saber, mediatizada pela conjugação inevitável do conhecimento do passado, da lucidez de análise do presente e da coragem de desafiar o futuro. Cabe-nos demonstrá-lo.